

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 34 No. 2 Maio – Agosto 2021

ARTIGO

RODINHAS DE CHINELO DE BORRACHA AO COMBATE

Rafael de Abreu e Souza*

RESUMO

O texto aborda a cultura material dos camponeses do sertão a partir das rodinhas de chinelos que são produzidas enquanto materialidades criativas que invertem funções presumidas de produtos industrializados no âmbito de lógicas camponesas. A abordagem é arqueológica, diacrônica e regional para analisar o refugio de unidades domésticas entre Ceará, Piauí e Pernambuco. Parte-se da crítica aos discursos de pobreza, isolamento, homogeneidade cultural e morte do campesinato frente à chegada de lógicas urbano-industriais, consumistas e modernas ao campo. As rodinhas, representantes do universo infantil, permitem notar como economias simbólicas se apropriam de objetos gestados sob práticas modernas, criando materialidades a partir do reúso, as quais resistem à imposição consumista.

Palabras-clave: campesinato; Havaianas; reúso.

* Doutorado em Ambiente e Sociedade, Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais, Universidade Estadual de Campinas. E-mail: rafaelabreusouza@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1963-5394>

RUBBER FLIP-FLOP WHEELS TO THE FIGHT

ABSTRACT

This paper investigates the material culture from Brazilian semiarid hinterland peasants focusing on wheels made of rubber flip-flops as creative materialities that invert the presumed functions of industrialized products within the scope of peasant logics. The approach is archaeological, diachronic and regional to analyse discarded things found in peasant households from Ceará, Piauí and Pernambuco states. It is critical to discourses of poverty, isolation, cultural homogeneity and death of the peasantry in face of the arrival of urban-industrial consumerist and modern logics to those hinterlands. The wheels, representing the children's universe, allow us to notice how symbolic economies appropriate modern objects creating new materialities from their reuse.

Keywords: peasants; Havaianas; reuse.

RUEDITAS DE CHANCLETAS DE CAUCHO ¡A LA LUCHA!

RESUMEN

El texto aborda la cultura material de los campesinos del semiárido de la región noreste brasileña teniendo como referencia las ruedas hechas a partir de chancletas industriales de caucho que dichos campesinos producen, vistas que invierte las presuntas funciones de los productos industrializados en el ámbito de la lógica campesina. El enfoque es arqueológico, diacrónico y regional para analizar los descartes de las unidades domésticas en los estados de Ceará, Piauí y Pernambuco. Se parte de la crítica a los discursos de pobreza, aislamiento, homogeneidad cultural y muerte del campesinado ante la llegada de la lógica urbano-industrial, consumista y moderna al campo. Las ruedas, que representan el universo infantil, nos permiten notar cómo las economías simbólicas se apropian de los objetos concebidos bajo prácticas modernas, creando materialidades a partir de la reutilización, las cuales se resisten a la imposición consumista.

Palabras-clave: campesinos; Havaianas; reutilización.

Ao realizar um trabalho de campo em diferentes partes rurais do semiárido da região do Nordeste Brasileiro, entre 2009 e 2010, com foco nas lógicas espaciais e práticas de consumo das unidades domésticas que conformam sítios camponeses, notei que, nos asseados e bem varridos terreiros, para além da tradicional área de descarte de lixo aos fundos ou na lateral da casa de barro, sempre em superfície, e em distintas porções do terreiro, podia ser encontrado um pequenino objeto localmente chamado de *rodinha*, manufaturado a partir de antigas solas de chinelos de borracha. A maioria dessas *rodinhas* fazia parte do universo infantil enquanto roda de carrinhos (muitas vezes associados a antigas latas de sardinha) que serviam de brinquedo.

Esse reuso poderia ser pensado, ingenuamente, como parte de uma lamentável escassez de bens disponíveis e do acesso a eles. Mas por que apenas *rodinhas* eram produzidas a partir de solas, e não outras formas, e por que recorriam enquanto saber-fazer em memórias de infância? Por que nas casas onde havia carrinhos industrializados de plásticos também existiam carrinhos feitos com *rodinhas*?

O significado que as *rodinhas* ganhavam no universo infantil, exemplo da relação de ensino-aprendizagem e destreza-habilidade da própria criança, dialogava com práticas que desafiavam lógicas modernas de compra-consumo-descarte dos produtos fabricados industrialmente a partir das quais foram feitas e, portanto, traziam à tona reflexões sobre o próprio lugar do campesinato na lógica urbano-industrial capitalista (JOHNSON, 1999). Esse prolongamento da vida do artefato fazia com que ele circulasse em universos outros para os quais foi originalmente pensado, transformado em novo fruidor de sentidos.

As solas de borracha sempre estavam disponíveis, mesmo depois de descartadas, às crianças ou às práticas de reuso, já que as áreas de descarte dessas casas sertanejas funcionavam não apenas como um “sumidouro”, como propôs Michael Redclift (2000), mas quase como um local de armazenamento conhecido de coisas que um dia poderiam voltar à vida e serem trocadas. Neste sentido, reusos podem ser pensados no âmbito do que Marshall Sahlins (1970) chamou de “economia de aprovisionamento” em crítica ao binômio trabalho contínuo-sobrevivência, reduzindo o cotidiano material camponês à subsistência. Ao mesmo tempo, reusos desafiam o que Alfredo González-Ruibal (2014) chamou de excesso material da modernidade, seguindo a argumentação proposta por Marc Augé (2002) ao abordar o moderno por sua exagerada superabundância espacial, factual e auto-reflexiva.

Era visível que a chegada de objetos industrializados, portadores de uma lógica capitalista urbano-industrial moderna e consumista, havia encontrado lógicas locais que construíram dinâmicas de sentido e que deram origem a uma tradição (a das *rodinhas*) que só pôde recuar aos anos 1960 (década da invenção do chinelo de borracha no Brasil) e a práticas de consumo ubíquas e silenciosas, como as entendeu Michel De Certeau (2007) no âmbito de táticas cotidianas contra estratégias hegemônicas. A materialidade das *rodinhas* sugeria, como outras abordagens baseadas em etnografias rurais (ALMEIDA, 2007; SIGAUD, 2004; NOGUEIRA, 2013), que a suposta “perda de cultura” de populações camponesas tem pouco sentido prático.

Ao debruçar-me sobre aspectos da cultura material de populações que habitam e habitaram as caatingas semiáridas do Nordeste do país ao longo do século XX, a quem Emília Godói (1999) denominou de *camponeses do sertão*, busco problematizar os significados das relações capitalistas de produção e troca que coagem esses camponeses em sua relação com o mercado, analisando práticas relacionadas à produção e uso das *rodinhas*. Ao mesmo tempo, procuro demonstrar como a materialidade permite reflexões que descontroem práticas naturalizadas pela maioria das sociedades baseadas na

mercadoria em seu papel no funcionamento da economia diária, como propôs Michael Taussig (2010, p. 23).

Analisos os modos através dos quais a cultura material dessas populações expressa a ressignificação de *commodities* (quanto a seus valores de uso) (ORSER JR., 1996), tendo como fonte o conteúdo de áreas de descarte de unidades domésticas rurais de sítios camponeses nos sertões do Ceará, Piauí e Pernambuco. Dou especial atenção às práticas de reuso que se intensificam com a entrada de objetos em plástico e borracha. Para isso, debruço-me sobre a produção das *rodinhas* de chinelos de borracha enquanto brinquedos infantis. Proponho que as *rodinhas* expressam práticas que rompem com a lógica de compra-descarte que a modernidade exacerba cada vez mais, em especial na segunda metade do século XX, através de um consumo pouco mapeado, mas bastante presente em diferentes porções do semiárido nordestino como parte de práticas que definem a identidade dessas populações.

Início o texto relacionando o estudo da cultura material às críticas, à estaticidade, imutabilidade e conservadorismo no estudo de grupos camponeses no âmbito de uma arqueologia da criatividade, como a que fora proposta por Marcos Souza (2013). Sigo abordando aspectos da chegada dos chinelos de borracha nas áreas em estudo para, assim, debruçar-me sobre a produção das *rodinhas* por meio do conhecimento sobre o reuso dos chinelos. Finalizo propondo que essa produção discreta, mas potente, desafia os excessos materiais e o consumismo desenfreado da modernidade por meio de práticas que reproduzem lógicas locais únicas gestadas na inversão da coação capitalista por populações ditas tradicionais.

A MATERIALIDADE DA CRIATIVIDADE CAMPONESA

As *rodinhas* e o jogo entre a prática e a representação que subjaz seu fazer abrem flancos para abordar aspectos caros a estudos arqueológicos sobre o campesinato, tais como o papel da cultura material, revelando práticas não apreendidas pela oralidade ou fontes escritas (ZANETTINI, 1996); a relação entre variabilidade artefactual e consumo de *commodities* em lógicas não capitalistas (SYMANSKI, 2008); e a permanência de modos de fazer e de relações com a paisagem frente aos avanços do capitalismo sobre o campo (QUEIROZ, 2015; FERREIRA, 2018; AMARAL, 2019; FREITAS, 2020).

Ao mesmo tempo, as *rodinhas* dialogam profundamente com questões trazidas pela antropologia rural, como a construção de narrativas alternativas ao estereótipo da pobreza do campo pautada por interpretações economicistas (SHANIN, 2005); a crítica à relação determinista entre seca e miséria, conformando quadros de estaticidade e isolamento (AMARAL, 2007); a fadada homogeneização cultural frente ao avanço da modernidade sobre o rural (SAHLINS, 1997); a dimensão material das reações e agências camponesas (SCOTT, 2002; SIGAUD, 2004); e a “amnésia social” que nega a contribuição do campesinato à sociedade (WANDERLEY, 2014).

Joan Vincent (1987) já havia notado que a literatura sobre sociedades agrárias estabeleceu dois estereótipos: no primeiro a vida rural é retratada como estável, conservadora e imutável e no segundo, contraditória, na qual as áreas rurais são reserva de mão-de-obra industrial. Essas histórias únicas, como propôs Chimamanda Adichie (2019), ressaltam continuamente aspectos negativos sobre o *camponês do sertão*, em especial no âmbito dos discursos oficiais sobre as áreas rurais do semiárido, entendidas, a exaustão, enquanto “anacronismos históricos”, conforme análise de Durval Albuquerque (2009).

Noções de estaticidade, conservadorismo e imutabilidade como tropos que marcaram estudos sobre o campesinato sertanejo são dialógicas às imagens forjadas com base em determinismos geográficos que viam no convívio com a seca fator condicionante

a uma série de comportamentos que justificavam a miséria e a pobreza, isolando essas pessoas dos benefícios da modernidade (AB'SABER, 1999; SILVA, 2003; SMITH, VETH, HISCOCK, WALLIS, 2005). Por outro lado, a construção da ideia de “cultura rústica” e “cultura sertaneja” (CÂNDIDO, 2010) reificou aspectos encontrados dentre as populações camponesas do semiárido, encaradas como ameaçadas pela inexorabilidade do progresso, sob a ótica do que Marshall Sahlins (1997) chamou de “pânico pós-moderno sobre a coerência das ordens culturais”.

Tais leituras parecem ter impactado estudos em torno da cultura material camponesa, como se a suposta escassez material não justificasse o interesse acadêmico por ela, deixando de lado o fato de que as coisas que coabitam conosco afetam percepções e práticas, partícipes ativas de nossa formação, portadoras e criadoras de valores e sentidos (OLSEN, 2003). Ao mesmo tempo, estudos em torno da materialidade do consumo foram bastante criticados por ignorar os processos destrutivos e negativos da produção de *commodities* (GONZALEZ-RUIBAL; HERNANDO, 2010).

As *rodinhas* de borracha e, portanto, o reuso dos chinelos envereda pelo que Marcos Souza (2013) chamou de arqueologia da criatividade – perspectiva que permite considerar a criatividade e a flexibilidade na produção e uso de recursos materiais como engenhosidades táticas de consumos discretos em sua relação com estruturas de poder e estratégias hegemônicas. Marshall Sahlins (1997), sem desconsiderar os impactos negativos da modernidade, denominou esse processo de “indigenização da modernidade”, observando a variedade de respostas locais que acarretam aparentes paradoxos de enriquecimentos da cultura tradicional.

A apropriação de objetos provindos das forças de produção e consumo e sua inversão criativa como produtos culturais dialógicos a construções identitárias não é novidade (VELHO, 2000; MILLER, 2002; MILLER, 2007). Mas o assunto tem sido pouco abordado no âmbito do campesinato sertanejo: o que significou a chegada dos chinelos de borracha no sertão dos anos 1960? Como se convivia com tais objetos? Que novas relações se estabeleceram com sua aquisição?

Apenas a partir do final dos anos 2000, a arqueologia no Brasil passou a olhar para populações rurais marginais contemporâneas, como o *camponês do sertão* semiárido e das caatingas, região sobre a qual prevaleciam estudos dedicados a elites e ao poder oficial em sua expressão maciçamente monumental (FUNARI; PELEGRINI, 2009). Esse quadro alterou-se com a reaproximação entre arqueologia e antropologia social no país, assim como com a proliferação dos cursos de graduação em arqueologia nos estados da região Nordeste. Muitas das novas pesquisas abordam a materialidade sertaneja pelo viés etnoarqueológico, dando mais foco à produção cerâmica (MOURA, 2013; QUEIROZ, 2015, AMARAL, 2019) e menos aos materiais artificiais, como plásticos e borrachas (FISHER, 2006; PEREIRA, 2014).

Por fim, vale ressaltar que, se o reuso dos chinelos passa pela esfera dos adultos, seu uso como brinquedo relaciona-se à cultura material das crianças (BAXTER, 2005; LILLEHAMMER, 2010). Deste modo, criatividade e reuso são práticas transversais à dinâmica familiar e chave para entender o papel transformador, mas dependente, da criança no mundo adulto através de sua agência relativa (COHN, 2005; PIRES, 2010).

Os estudos dedicados à criança na arqueologia ganharam força nos anos 1990, maciçamente, contudo, sob a ótica da socialização entendida como gradativa inserção na sociedade e aquisição de conhecimento (TASSINARI, 2009). Esta ótica prevalece frequentemente naqueles estudos que analisam gestos a partir da produção de alguns objetos (KAMP, 2001; PROUS, 2005) associados a análises sobre brinquedos como porta de entrada às restrições sociais impostas à interseccionalidade da identidade infantil (ZARANKIN; SALERNO, 2010; LIMA, 2012).

Apesar da presença da criança no registro arqueológico ser aceita, sendo entendida, portanto, como produtora, de cultura material (POLITIS, 1998), e, assim, um sujeito social (COHN, 2005), a busca por sua materialidade tem sido ignorada, associada à problemática de seu reconhecimento arqueológico (CRAWFORD, 2009). As rodinhas permitem, de tal modo, conjugar criatividade na infância, já que são objetos atualmente produzidos na região e encontrados na forma de carrinhos, e lógicas materiais camponesas, já que são parte das coisas que habitam a unidade doméstica do sítio camponês. Assim, elas desafiam o consumismo moderno e seu descarte excessivo, visto serem fruto de práticas de reuso relacionadas a economias de abastecimento que usam as áreas de descarte como locais de abastecimento para novas produções.

OS DESCARTES NO SÍTIO CAMPONÊS

Os dados deste artigo partem de trabalho de campo realizado entre 2009 e 2010 nos estados do Piauí, Pernambuco e Ceará, com foco em unidades domésticas camponesas de áreas rurais do semiárido. De 117 casas, uma amostra de 77¹ contextos datáveis (20 no Piauí, 22 no Pernambuco e 35 no Ceará) por meio de cronologias históricas relativas (ADAMS, 2001; SNEDDON, 2006), que as situou entre 1830 e 2008, foi selecionada para análises de padrões de conteúdo (MAJEWSKI; O'BRIEN, 1987). O objetivo era abordar, diacronicamente, mudanças e permanências na organização espacial da paisagem doméstica e nas práticas de consumo de grupos camponeses nas áreas rurais do sertão ao longo do século XX e começo do XXI.

Essas unidades domésticas e suas casas de barro foram entendidas como ponto de partida do que Ellen Woortmann (1983) denominou de sítio camponês, um conjunto de partes articuladas, contíguas ou não, que é também uma unidade produtiva cujos elementos materiais distribuem-se espacialmente a partir da casa. O sítio materializa os modos através dos quais identidades sociais se manifestam na forma espacial (HECKENBERGER, 2011), configurando lógicas que correspondem a espaços simultaneamente físicos e sociais (WOORTMANN, 1995).

As unidades domésticas estudadas mantiveram uma mesma distribuição espacial ao longo do tempo, contando com a presença da estrutura principal (as casas de arquitetura de barro – taipa de pau-a-pique, que ganha os mais variados nomes), do terreiro (um espaço que tem seu epicentro na casa, delimitado por plantações ou pela própria vegetação de caatinga – que conforma clareiras varridas constantemente), de caminhos (em número variável que se iniciam/terminam na clareira), e de uma pequena área de descarte de lixo doméstico (porção do terreno escolhida para lançamento dos resíduos cotidianos, maciçamente em superfície) situada aos fundos (e com menor frequência na lateral da casa), cuja extensão variou entre 25 e 150m².

Essas pequenas áreas de descarte contêm alguns dos objetos cotidianos utilizados, reutilizados e abandonados pelas pessoas, ali deixados durante o período de ocupação. Tais objetos foram adquiridos, em sua maior parte, através de trocas e comércio local/regional, seja a partir das feiras, cujo papel para as economias regionais é imenso,

¹ Os locais escavados fizeram parte do *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico* a cargo da empresa de consultoria Zanettini Arqueologia como parte do licenciamento arqueológico para implantação da Ferrovia Transnordestina. Os contextos analisados localizam-se nos municípios de Missão Velha, Lavras da Mangabeira, Acopiara, Quixeramobim, Cedro, Iguatú, Quixadá, Itapiúna, Senador Pompeu, Piquet Carneiro, Aurora e Redenção no Ceará; Salgueiro, Serra Talhada, Verdejante, Sertânia, Flores, Cachoeirinha, São José do Belmonte, Custódia no Pernambuco; e Bela Vista do Piauí, Paulistana, São Miguel do Fidalgo, Paes Landim, Curral Novo do Piauí, Flores do Piauí, Rio Grande do Piauí, Simplício Mendes e Pavussú no Piauí (Zanettini Arqueologia, 2014).

seja por trocas diretas em redes configuradas por relações de sociabilidade com vizinhos e comunidades. Alguns, no entanto, foram ali mesmo produzidos.

Essas áreas de descarte são exemplo de racionalidades ambientais (FERREIRA, 2005) relacionadas a concepções da natureza como “sumidouro” (REDCLIFT, 2000). Situadas aos fundos e, assim, longe dos olhares de vizinhos e visitantes, as áreas de descarte derivam de relações específicas das pessoas com seus rejeitos, especificidade que aqui se dá na relação entre descarte e reúso. Nesse caso, o uso de áreas de descarte no interior do terreiro configura prática de apropriação do ambiente à esfera humana (BEAUDRY, 2004), tornando o espaço doméstico um contínuo socioecológico: a presença humana constrói o espaço doméstico ao mesmo tempo em que ele só existe a partir da caatinga que o materializa e delimita. Tais modos de descartar o lixo pouco se alteraram ao longo do século XX, apesar das mudanças observadas nos conteúdos e na representatividade e frequência de algumas coisas.

A manutenção da prática de depositar o lixo em superfície aos fundos da casa, todavia dentro da clareira, ao longo do século XX, caracteriza um modo não apenas de construir o espaço doméstico, mas também indica como a prática perdurou ao longo de todo esse tempo. As unidades domésticas do final do século XIX têm características espaciais semelhantes às do final do XX. Isto não quer dizer que as novas formas de viver, que se estruturam no final do século XIX, não são dialógicas a práticas anteriores, nem que ao longo do século XX e XXI o significado dessas práticas não tenha sido ressignificado e reinventado à luz da intensificação de pressões externas sobre seus habitantes.

O que se ressalta é que um modo semelhante de se relacionar com o ambiente fora mantido, e, portanto, manteve-se também uma série de práticas, de forma que a maneira de descartar os resíduos perdurou-se a mesma ao longo de todo o século XX, associada a uma espacialização específica e ao uso do barro como fonte primordial para construção da casa. Essa permanência corre paralela às mudanças no conteúdo das áreas de descarte e, portanto, nas formas de consumir e conviver com algumas coisas.

Ao sintetizar os dados das análises dos descartes, foi possível notar que recipientes cerâmicos de produção local/regional dominam o dia-a-dia das casas, variando no intervalo de tempo proposto, percentualmente, entre 80 a 30%. A cerâmica, ou *loija* de barro, faz parte do sistema interno de abastecimento que perdura no semiárido até os dias atuais, produzida por oleiras em pequenos fornos domésticos, fruto de um saber-fazer que é passado intergeracionalmente e que tem se reinventado frente às mudanças em práticas de consumo (AMARAL, 2019).

A variabilidade morfológica dos recipientes cerâmicos diminui ao longo do século XX, com gradativa predominância de grandes recipientes destinados ao armazenamento (potes, jarras). Essa produção é, todavia, a que maior oscilação apresenta, sugerindo que o modo de fazer a ela associado, ligado ao sistema local de abastecimento, sofre grande alteração com a chegada de novos bens e, com eles, novas lógicas. Ao mesmo tempo, sugere que a lógica de aprovisionar permanece. Demais categorias materiais, como as louças brancas em faiança fina (com alta expressão de pratos), os vidros e os polímeros sintéticos (objetos em plásticos e borrachas), representam, ainda hoje, pouco desse cotidiano.

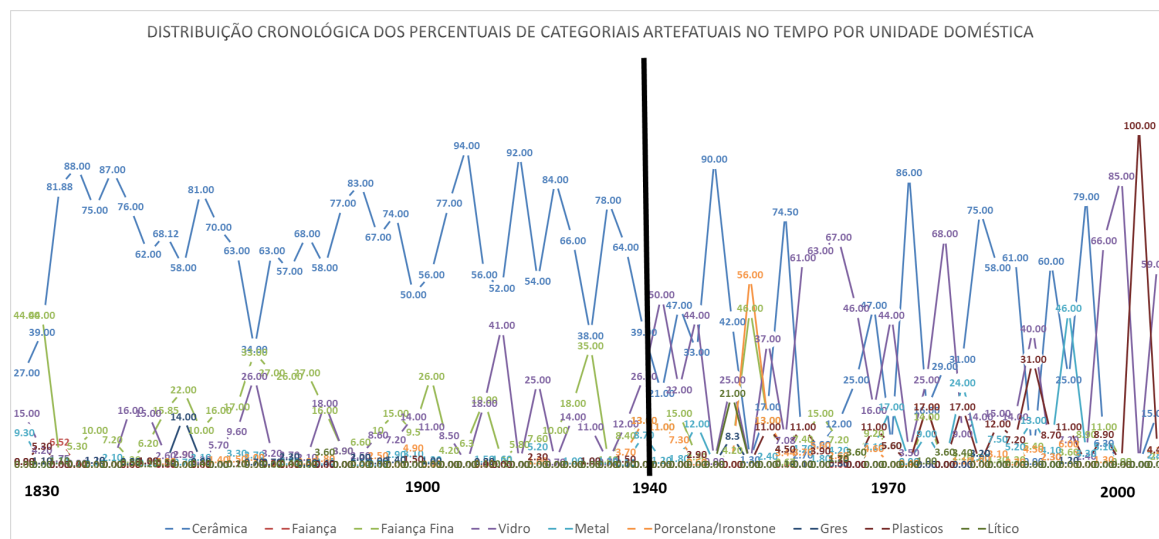


Figura 1. Distribuição cronológica dos percentuais de categorias artefatuais no tempo por unidade doméstica.

Os padrões de conteúdo das áreas de descarte apontam para os anos de 1940 a 1960 como momento importante a partir do qual há uma significativa alteração na relação entre as categorias artefatuais. Isso se expressa em especial porque a constância dos recipientes cerâmicos é substituída por uma maior diversidade de objetos e arranjos materiais entre as casas, notadamente marcados pela maior entrada de objetos em vidro, plástico e borracha.

"PÉS DE CHINELO" DO SERTÃO

A borracha é um velho conhecido do Brasil. Acompanhou as mudanças levadas a cabo no mundo da engenharia de materiais e da química, relacionadas ao aperfeiçoamento de sua estrutura e ao incentivo à produção de polímeros sintéticos que permitissem ampliação e versatilidade materiais (SPINACÉ; DE PAOLI, 2005). Esse processo fez com que, nos anos de 1970, por exemplo, a produção de polímeros e a busca por novos materiais poliméricos ultrapassassem a produção mundial de ferro, substituindo coisas em vidro, madeira, osso e cerâmica (MEDEIROS, 2011).

Apesar da forte crítica a objetos plásticos e de borracha, os polímeros sintéticos apresentam inúmeras características positivas no que concerne a seu desempenho, tais como seu alto potencial de reutilização e reciclagem, maior durabilidade, amortecimento mecânico, impermeabilidade, leveza, e menor gasto de energia para transporte e produção (MEDEIROS, 2011; FISHER, 2006). A 2ª Guerra Mundial foi uma das grandes incentivadoras de sua produção e é no período entre os anos 1930 e 1950 que se assiste a um crescimento exponencial da borracha sintética.

A Alpargatas foi a primeira fábrica nacional a produzir chinelos de borracha: as Havaianas, inventadas em 1962 e patenteadas em 1964, inaugurando, no Brasil, o ramo e o formato do "chinelo de dedo" (COSTA *et al.*, 2007). Com as Havaianas, deu-se início a um longo processo de construção identitária de um importante emblema do "jeitinho brasileiro" (TERNUS; PETERMANN, 2011).

Chinelos, como as Havaianas, são formados por duas peças: uma palmilha (sola de borracha), com padrão decorativo em relevo na forma de grãos de arroz, em homenagem ao calçado japonês que lhe serviu de inspiração (MEDEIROS, 2011); e uma forquilha, produzida em PVC, no formato de um Y. Dos anos 1960 aos 1990, o chinelo manteve

morfologia e estrutura únicas: sempre bicrômico, branco na parte superior da palmilha e azul, amarelo ou preto na parte inferior e na forquilha.

Apesar dos esforços publicitários, esse novo produto, que logo se espalhou pelo mercado consumidor brasileiro, passou a estar fortemente vinculado a consumidores de baixa renda, empregadas, pedreiros, porteiros, pescadores, migrantes e camponeses, consolidando discursos materiais relacionados a seu baixo apelo estético, alta funcionalidade e uso doméstico (GOMES, 2005; PINENT, 2013). O preconceito das classes médias e altas fundiu, de maneira depreciativa, o produto à pobreza.

Além disso, sua alta durabilidade, reduzindo a necessidade de compra e descarte constantes, criou um paradoxo em relação a lógica consumista moderna. Nos anos de 1980, o chinelo entrou numa espécie de limbo, superado nos anos 2000, concomitante à concorrência com outras marcas e falsificações (“recuse imitações” tornou-se parte do *slogan* publicitário), em modelos menos apurados, mas ainda mais baratos, como os da Dupé, fundada em meados dos anos 1960 (MAGER, 2013).

Ganha força, nas sociedades urbanas do Sudeste, expressões como “pé de chinelo”, atribuída àqueles que não possuíam recursos financeiros para, ao menos, parecerem ter status socioeconômico “diferenciado” (DALSÁRG, 2011). No Brasil, o uso do “pé de chinelo”, junto do “você sabe com quem você está falando”, passou a denotar uma sociedade impregnada de desigualdades, forjando imagens de inferioridade a partir de hierarquias sociais cujas classificações morais categorizavam grupos sociais específicos como de segunda categoria (DAMATTA, 1997). O “pé de chinelo” relaciona-se aos pés largos, que, por estarem constantemente descalços ou sobre chinelos, expressavam marcas associadas à pobreza e ao trabalho. Sua popularidade entre os *camponeses do sertão* e a cultura material que as ondas migratórias do êxodo rural carregaram do Nordeste ao Sudeste reproduziram esse imaginário.

Todavia, as próprias características físicas dos chinelos de borracha propiciaram usos alternativos àqueles pensados pelos produtores e simplificados pela imagem do “pé de chinelo”. Os usos pretendidos dos chinelos, utilizações esperadas pelos produtores com base em seus aspectos tecnofuncionais, como definido por James Skibo (1992), tiveram no reuso a origem de novas práticas orientadas no escopo da materialidade do universo camponês. Esses outros usos fortaleceram valores de troca, considerando-se a singularização dos chinelos, produzidos enquanto mercadorias, ao adentrarem o sítio camponês. Tal especificação se dá pelos processos autônomos, cognitivos e culturais que ocorreram após a retirada do chinelo da esfera mercantil – o que Igor Kopytoff (2008) chamou de “mercantilização terminal”.

Para além de servirem aos pés, os chinelos de borracha foram encontrados na forma de alisadores cerâmicos, no âmbito das olarias de *loiça* (que têm formato triangular e arestas muito desgastadas pelo contato intenso e abrasivo com a superfície do pote), como boias de rede (para pesca em açudes e rios perenes) e como buchas para armas de fogo, amortecendo ricochetes (que têm formato circular diminuto, de 2 a 3 cm, mas espessos). Dedico-me, aqui, a pensar aqueles que recorreram com maior frequência nas áreas de descarte abordadas, as *rodinhas* de carrinho.



Figura 2. Exemplos diversos de reúso de chinelos (Acervo Zanettini Arqueologia, 2010).

A PRODUÇÃO DAS *RODINHAS*

A chegada dos chinelos de borracha no sertão da região Nordeste data dos anos 1960. Rapidamente incorporada por uma população de extrema mobilidade, logo passou a conviver com o camponês sertanejo, em geral, em seu tipo mais comum (azul e preto sob branco). Mal sabia a Alpargatas que, ao chegar no semiárido, os chinelos seriam ressignificados por práticas locais, tornando-se matéria-prima para a produção de objetos no formato de rodela, as *rodinhas*.

Para reflexão sobre essa prática e sua relação com as *rodinhas*, parto de 43 objetos identificados nas casas analisadas – ou seja, ao menos uma rodinha foi encontrada a cada dois sítios. Desse total, 11% possuem diâmetro entre 1,5 a 3 cm, 86% entre 3 e 6,5 cm e 3% entre 8,5 e 9 cm, indicadores de suas funcionalidades diversas. Quanto maior o diâmetro, menor a frequência, o que vale também para diâmetros menores.

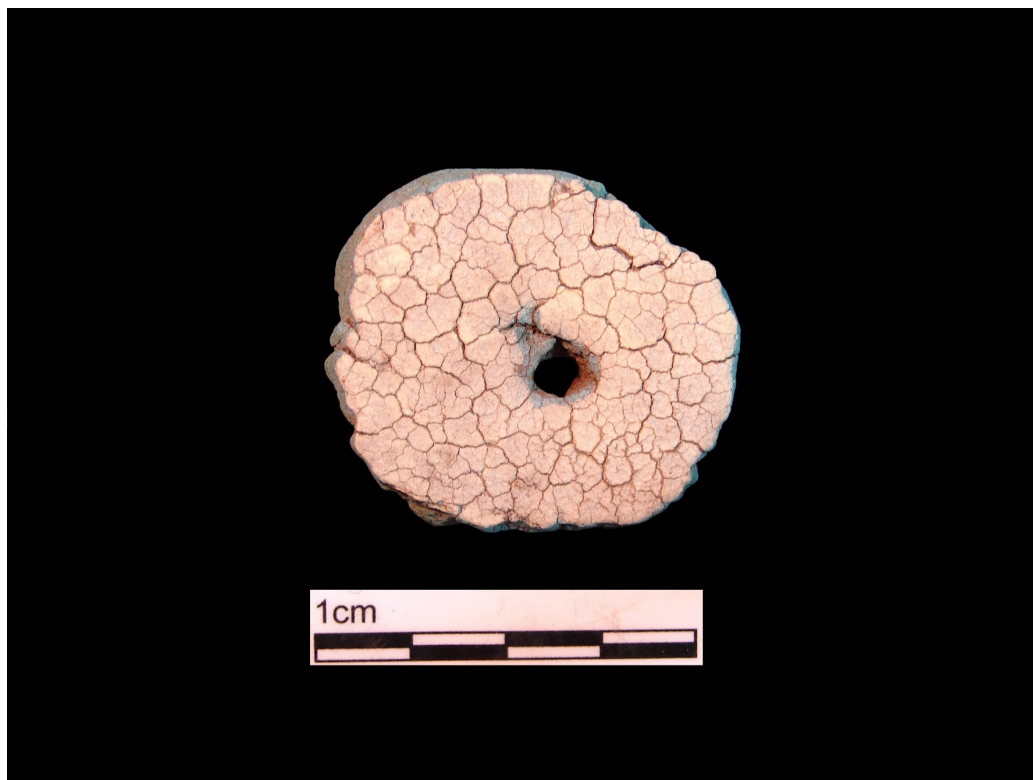


Figura 3. Rodinha de unidade doméstica em Aurora, Ceará (Acervo Zanettini Arqueologia).

Todas elas, desde os anos 1960 ao começo dos 2000, apresentam cadeia operatória semelhante. As *rodinhas* são produzidas a partir das palmilhas (solas) dos chinelos de borracha. Resultam da escolha de chinelos já gastos, mas sem rachaduras ou fragmentação da palmilha, independente de forquilhas arrebitadas. Os chinelos dos quais as *rodinhas* foram produzidas são de pés de jovens e adultos, variando entre os números 28 e 38 (das que puderam ser identificadas). As *rodinhas* analisadas nesta pesquisa foram selecionadas com base na extensão da superfície do suporte e por isso, a preferência por palmilhas adultas.

Chinelos infantis estão presentes, porém em muito menor quantidade, pelo fato de poderem dar origem a somente uma *rodinha* de diâmetro médio (3 a 6,5 cm). Para produzi-las a partir das palmilhas, foram escolhidas as porções mais centrais da sola, evitando-se seções que sofrem maior desgaste e pressão e que, por isso mesmo, apresentam menor espessura – tanto a porção proximal (pelo peso do calcanhar durante o caminhar) como a distal (pelo apoio dos dedos do pé durante a passada). Usando a porção da sola que incide sob o arco do pé, as *rodinhas* obtinham maior espessura.

Predominam *rodinhas* manufaturadas a partir de chinelos com palmilhas bicolors clássicas (preta ou azul, com branco), em geral das marcas Havaianas e Dupé, quando identificáveis. A proporção entre bicrômicas e monocrômicas é de 1:1 na amostra, apesar do predomínio do azul e branco tradicional: azul claro (9,76%), azul e amarelo (2,44%), azul e branco (34,15%, marca Havaianas), azul marinho (4,88%, marca Havaiana Top), branco (7,32%), marrom (4,88%, marca Dupé), preto (21,95%), preto e amarelo (2,44%) e preto e branco (12,20%, marca Havaianas).

Da amostra analisada, 46% das *rodinhas* possui claras marcas de arestas no bordo, enquanto 22% não apresentou qualquer ângulo em seu contorno, sendo seguidas, timidamente, por *rodinhas* dentadas (lembrando roldanas). Do total da amostra, 10 peças são suporte, ou seja, palmilhas com negativos de onde foram retiradas as *rodinhas*. Esse

quadro indica que as rodela foram retiradas do suporte através de incisões realizadas com objetos cortantes de gume liso (facas, facões ou tesouras).

Um primeiro corte transversal parte de uma das bordas da sola, ganhando curvatura até que a rodela se tornasse independente do suporte, reconectando-se à linha do corte com a incisão inicial. Algumas, no entanto, são produzidas a partir de incisões mais centrais à palmilha. Nem sempre o formato desejado (cilíndrico) é obtido, e retoques são necessários para melhorar a performance, suscitando, assim, rejeitos de produção (quem tem formato triangular escaleno).



Figura 4. Suporte em sola azul e branco de unidade doméstica em Sertânia, Pernambuco (Acervo Zanettini Arqueologia).

A ausência de arestas também sugere desgastes resultantes de seu uso em funções específicas e de seu frequente contato com superfícies abrasivas (rolando no próprio chão de terra batida e varrida do terreiro). As *rodinhas* de diâmetro médio caracterizam produções mais expeditas, enquanto as de diâmetro diminuto e aquelas dentadas denotam maior detalhamento na fabricação. As de diâmetro entre 1,5 e 3 cm não possuem arestas e não foram obtidas a partir do mesmo gestual que realiza incisões a partir da borda ou no centro da sola. Parecem ter sido fabricadas por ferramenta que as retiram por um único movimento, por pressão, como fôrmas (canos de metal?). Estas são as buchas de espingarda.

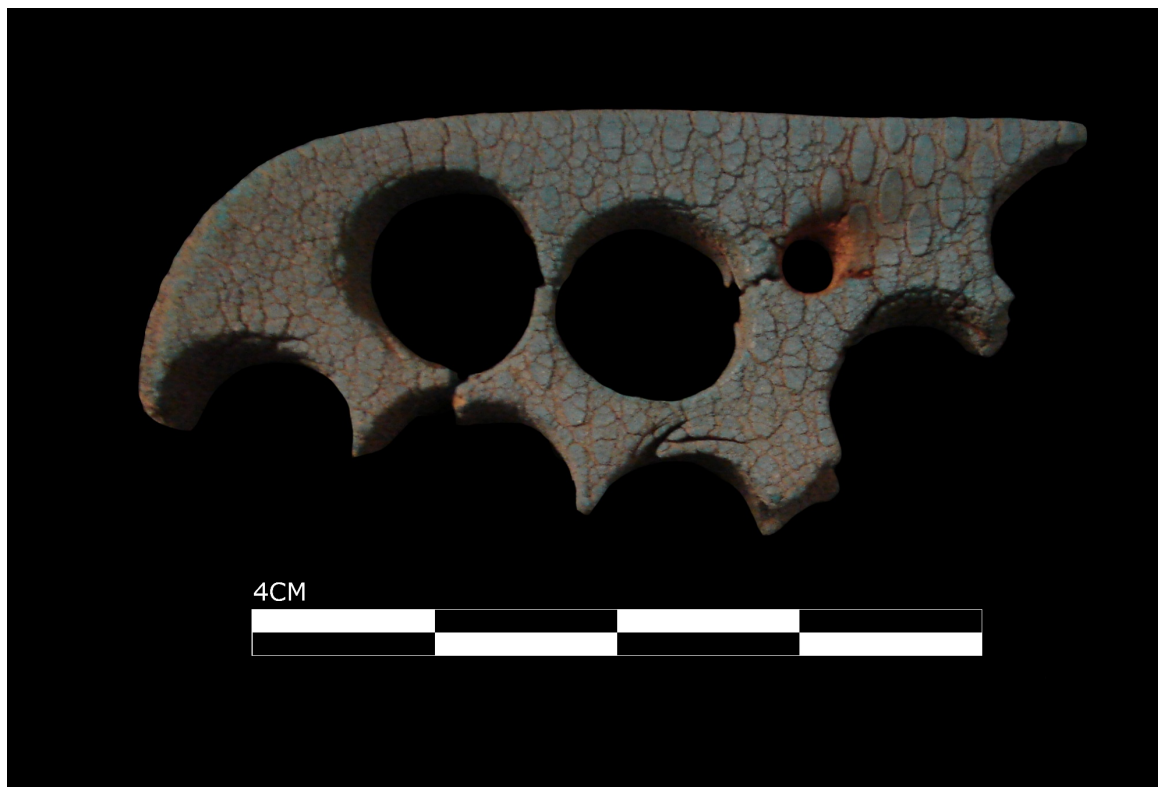


Figura 5. Suporte destinado à produção de buchas para espingarda em unidade doméstica de São Miguel do Filado, Piauí (Acervo Zanettini Arqueologia).

A maior parte das *rodinhas* (58%) possui orifícios centrais transversais, de uma base à outra, de tamanhos variados; aqueles com maior diâmetro dão aparência de rosca à *rodinha*. Apenas uma apresentou três furos enquanto outra um orifício bastante discreto pelo qual uma corda de nylon foi passada e amarrada ao redor do corpo (peso de rede?). Poucas não são furadas. Apenas uma apresentou negativos resultantes do contato com dois pontos equidistantes em metal (isolamento de tomada? apoio de maquinários?). A opção pelo uso das seções da palmilha com maior espessura (altura) impede o reaproveitamento dos furos originais próprios do chinelo, aqueles onde a forquilha é fixada, o que demandou ferramentas que produzissem furos (como pregos).

REÚSO DOS CHINELOS E LÓGICA CAMPONESA

Fica claro que as possibilidades de novas vidas para os chinelos giram em torno do reparo, do reúso, de decisões em relação a seu descarte, de seu conserto e da relação entre gestos, conhecimentos e práticas para sua produção. A manutenção da função do chinelo através do reparo alterou o significado desse objeto após o dano (SCHIFFER, 1972). Forquilhas atadas à sola com arames (quem conhece os chinelos de borracha sabe que as forquilhas arrebentam com frequência) também são exemplos dessa alteração, uma vez que a borracha, outrora confortável, agora estaria perpassada por metal. Reparo e reúso dialogam também com a habilidade do reparador (ou do artesão), tendo em vista as possibilidades abertas pelo objeto gasto ou quebrado à substituição de suas partes ou a seu uso na produção de novas coisas (LUIK, 2008).

Quem conserta nem sempre é quem usa, o que traz à tona questões relacionadas à equação entre novas formas e novos sentidos e a pequenos sistemas familiares em que outras artes correm paralelas ao trabalho na terra. Daí a presença de *rodinhas* nos universos da pesca (peso), na tecelagem (fusos), no uso de armas (buchas) e no lazer

(carrinhos), atividades fundamentais à sociabilidade dessas pessoas, geradoras de materialidades que questionam sua alegada escassez e sua produção voltada para subsistência. Muitas das funções desses objetos são difíceis de inferir se não pela conjugação entre a observação de seu uso com suas características morfo-tecnológicas e associações em contexto.

Apenas as *rodinhas* de carrinhos são feitas pelos adultos a uma criança ou pela própria criança, em algumas situações, enquanto tática própria para resolver problemas práticos (TASSINARI, 2009). As rodinhas criam fluxos que não apenas dizem respeito à ressemantização da função do chinelo, mas a seu papel social no ambiente doméstico da casa, da família. Esta mudança de universo – do vestuário ao lúdico, entre faixas etárias, entre funções e no próprio alcance espacial e mobilidade que o objeto tinha enquanto calçado e tem enquanto brinquedo – altera práticas que o objeto demanda em sua interação com as pessoas e, portanto, nos modos de se conviver com ele. De vestuário/ adulto/ pés/ mobilidade tem-se lúdico/ infância/ mãos/ imobilidade. O pé adulto, que sai de chinelo, de casa para o trabalho, opõe-se ao brinquedo da criança, que permanece circunscrito à casa e ao terreiro.

Rodinhas que provêm de chinelos adultos indicam um caminho semelhante ao que Michael Schiffer (1972) definiu como ciclagem lateral, reúsos que implicam na troca de usuário (neste caso, com mudança etária) e na transformação da antiga forma em nova. Se, por um lado, os brinquedos produzidos por reuso permitem que de um universo surjam tantas outras coisas, em inovações pautadas pela criatividade e engenhosidade; por outro, mantêm as crianças em papel social de subordinação aos adultos, papel esse derivado da dependência do uso de objetos do cotidiano dos pais para produção de artefatos que lhes são caros, os brinquedos.

A produção das *rodinhas* desafia problemáticas relacionadas ao acesso a determinados bens concebidos como limitados, como propôs George Foster (1965), ou a maior dependência de produtos industrializados causados pela perda de saber-fazer local, como observou Marshall Sahlins (1997). As rodinhas são indicativas da destreza simbólica e técnica desses camponeses do sertão e de sua habilidade em dar seu próprio sentido às coisas.

A recorrência das *rodinhas* sugere a detenção de lógicas próprias e conhecimentos bastante específicos que não teriam peso em outros contextos, mas que ali foram extremamente valorizados (BOURDIEU, 2005). As *rodinhas* materializam habilidades para inovar, renovar e criar qualidades intrínsecas às lógicas camponesas ali encontradas e que só podem ser percebidas quando afastamos noções simplistas de “aculturação” como consequência funcional necessária a seus envolvimento com a economia de mercado, como se a mercantilização e o consumismo fossem subverter as “boas intenções tradicionais” (SAHLINS, 1997).

A transformação, física e simbólica, do calçado em brinquedo mostra modos de organizar novas experiências de forma criativa dentro de visões coerentes: criatividade como resposta às orientações dos valores de troca e dos valores de uso. Quanto mais usada a *rodinha*, menos suas arestas estão vivas, e mais redondo é seu bordo, permitindo que o carrinho “deslize” com maior facilidade. As melhores *rodinhas* são aquelas mais usadas, guardadas e emotivamente referenciadas, cuja sabedoria de produção é passada entre gerações no lugar das brincadeiras, os terreiros. A prática marca as diferenças entre os sistemas de valor de uso que fundamentam economias camponesas e a base mercantil do capitalismo moderno.

Os chinelos como mercadoria possuem propriedades que estão além do valor estético e do conforto, facilitando a caminhada e protegendo os pés. Uma vez transformados em rodinhas, seu valor de troca aumenta, sinal de como os *camponeses do*

sertão têm papel crucial na diferenciação da configuração de processos econômicos (TAUSSIG, 2010). Isso foi observado com as buchas, que poderiam ser adquiridas em sítios específicos conhecidos por sua produção.

Ao inverter a lógica das *commodity* – aquela da compra-consumo-descarte, cara ao consumismo e ao excesso material moderno, em especial urbano –, prolongando a vida do objeto pelo reuso, esse campesinato desenvolve mecanismos que trazem maior resistência cultural, assegurando sua reprodução em um mundo em constante transformação (WOORTMANN, 1995). Transformando o chinelo em ponte para uma nova produção e permitindo que circule por universos outros que aqueles relacionados a seu uso pretendido, esses camponeses deram origem a uma nova tradição que recua aos anos de 1960.

A característica permanente da produção doméstica tradicional, baseada na produção de valores de uso, ao encontrar sistemas fundamentados na troca, faz crer que a produção de rodinhas pode ser entendida como uma reação e ressignificação simbólica a mudanças acarretadas pela chegada de lógicas que visam lucro ao mundo da ética camponesa (BOURDIEU, 1979). Neste sentido, as rodinhas desestabilizam a forma como a modernidade capitalista dita a relação entre pessoas e coisas por meio da valoração simbólica da mercadoria-chinelo em *rodinha*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A materialidade das *rodinhas* e seu sentido na vida cotidiana do sertão semiárido permeiam não apenas as áreas de descarte dos sítios camponeses, mas incidem na literatura e nas lembranças sobre brincadeiras de infância (ALVES, 2003; CAMPOS, s/d). Elas indicam como crianças são atores sociais que merecem atenção na compreensão de certas configurações sociais (POLITIS, 1998; GODÓI, 2009; PIRES, 2012). Sua produção não monetária, no entanto, ultrapassa o universo infantil ao resultar da emergência de práticas dialógicas ao encontro da lógica consumista moderna capitalista com lógicas locais camponesas que se impõem contra os modos como as sociedades urbano-industriais lidam com a superabundância material e seus descartes excessivos sem reuso.

A cultura material da segunda metade do século XX e início do século XXI nas áreas de descartes dos terreiros das casas dos sítios camponeses nos sertões semiáridos do Piauí, Pernambuco e Ceará desinfla narrativas sobre a dominação capitalista e sobre o discurso em torno da morte do campesinato (GODÓI, 1999; ALMEIDA, 2007). As *rodinhas* catalisam práticas flexíveis e criativas em relação à cultura material, decorrentes da integração cultural dos *camponeses do sertão* às forças “irresistíveis” do sistema mundial (ZARANKIN; SENATORE, 2005; TAUSSIG, 2010).

A persistente configuração espacial expressa pela casa, pelo terreiro, pelos caminhos e pela área de descarte, como o núcleo do sítio camponês, de modo algum conforma resistência estática dessa população. Ela expressa a reelaboração de práticas locais mantidas ao longo da segunda metade do século XX que permite a integração de novas tecnologias e materiais ao saber tradicional e ao modo de vida regional. Ela também parece sugerir o papel de economias simbólicas não monetárias na transformação “da verdade das relações de dominação” (GARCIA-PARPET, 2013).

As alterações no conteúdo material das áreas de descarte dos sítios analisados, a partir dos anos 1940 e 1960, é concomitante à acentuação da aceleração, da destruição e dos excessos materiais da industrialização moderna (GIDDENS, 2001; GONZÁLEZ-RUIBAL, 2014). A entrada dos chinelos de borracha no cotidiano sertanejo é a própria incorporação do sistema mundial ao sistema local, abrindo leques de estilos de vida quando formas culturais adicionais externas (chinelo de borracha) encontraram as

lógicas dos moradores das áreas estudadas (CANCLINI, 1998; MOL, 2000; SPARGAAREN, 2000).

A produção das *rodinhas* permite notar, por um lado, que a orientação nuclear do campesinato nordestino (WOORTMANN, 1995) manifesta-se no reuso de objetos descartados que fazem ponte entre o mundo material dos adultos e aquele das crianças. Por outro, a dimensão material da economia de provisão expressa-se na relação entre moradores e suas áreas de descarte que, servindo para “eliminar” coisas para fora do cotidiano, estabelecem estoques de ingredientes utilizados na produção de novas coisas. Mantidas no interior do terreiro e, portanto, no âmbito de um importante local de sociabilidade entre pessoas, coisas e ambientes, as *rodinhas* são fruto das lógicas de provisão que tecem a relação dos camponeses com o mundo material. Elas desafiam as explicações redutoras em torno do mundo material sertanejo apenas como subsistência.

As *rodinhas* não coadunam a interpretação dos sítios camponeses enquanto unidades autocontidas em lugares afastados. Ignorar a materialidade camponesa é desconhecer uma série de relações sociais que existem na medida em que essas pessoas estão relacionadas a contextos externos a elas próprias, como entendeu Robert Redfield (1960) ao descrevê-las como segmentos da sociedade. Pelo contrário, elas materializam poderosas formas cotidianas de resistência camponesa, espécie de arma dos fracos, como na proposta de James Scott (1985), longe dos eventos históricos visíveis (rebeliões, ações coletivas), mas como formas de resposta à dominação e de não anuência a práticas hegemônicas de consumo.

A cultura material produzida e produtora das práticas camponesas no semiárido indica como alguns objetos reagem ao circularem por lógicas distantes daquelas pelas quais foram pensados. As *rodinhas* materializam as reações camponesas ao capitalismo industrial e aos excessos da modernidade. Diminutas e aparentemente óbvias, as *rodinhas* camuflam profundas relações sociais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Marcos Souza, Camila Agostini e Emília Godói pelos comentários às ideias deste texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, Aziz. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. *Estudos Avançados*, v. 13, n. 36, p. 7-55, 1999.
- ADAMS, William H. Dating Historical sites: the importance of understanding time lag in acquisition, curation, use, and disposal of artifacts. *Historical Archaeology*, v. 2, n. 37, p. 38-64, 2003.
- ADICHIE, Chimamanda N. *O Perigo de uma História Única*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- ALBUQUERQUE, Durval. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. São Paulo: Cortez, 2009.
- ALMEIDA, Mario W. B. Narrativas agrárias e a morte do campesinato. *Ruris*, v. 1, n. 2, p. 157-186, 2007.
- ALVES, Rubem. *Quando Eu era Menino*. Campinas: Papirus, 2003.

- AMARAL, Daniela M. *Loiceiras, potes e sertões: um estudo etnoarqueológico de comunidades ceramistas no agreste central pernambucano*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BAXTER, Jane E. *The Archaeology of Childhood: Children, Gender and Material Culture*. Oxford: Altamira Press, 2005.
- BEAUDRY, Mary C. Doing the Household: new approaches to the Archaeology of Households. In: BARILE, Kerri S.; BRANDON, Jamie C. (ed.). *Theorizing the Domestic Sphere in Historical Archaeology*. Alabama: Alabama University Press, 2004, p. 254-262.
- BOURDIEU, Pierre. *O Desencantamento do Mundo: Estruturas Econômicas e Estruturas Temporais*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papyrus, 2005.
- CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2006.
- CÂNDIDO, Antônio. *Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2010.
- COHN, Clarisse. *Antropologia da criança*. São Paulo: Zahar, 2005.
- COSTA, Verlaine L.; ESCORSIM, Sérgio; COSTA, Deneive L. Sandálias Havaianas: um case de sucesso brasileiro. *Congresso Internacional de Administração*, v. 20, 2007.
- CRAWFORD, Sally. The archaeology of playthings: theorizing a toy stage in the “biography” of objects”. *Childhood in the past*, v. 2, p. 56-71, 2009.
- DALSÁRG, Anne L. Sobre os “pés de chinelo” e a possibilidade de mudança. *Revista de Ciências Sociais*, n. 34, p. 255-264, 2011.
- DAMATTA, Roberto. Sabem com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil”. In: DAMATTA, R. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997, p. 179-248.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*, v. 1. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FERREIRA, Catarina. *Arqueologia da paisagem caieirista no município de Parnamirim – PE*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.
- FERREIRA, Leila C. A centralidade da interdisciplinaridade nos estudos sobre ambiente e sociedade. *Política e Sociedade*, v. 4, n. 7, p. 185-201, 2005.
- FISHER, Tim. Plásticos: a cultura através das atitudes em relação aos materiais artificiais. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. (org.). *Cultura, Consumo e Identidade*. São Paulo, FGV, 2006, p. 91-107
- FOSTER, George. Peasant society and the image of limited good. *American Anthropologist*, v. 67, n. 2, p. 293-315, 1965.

- FREITAS, Juliana. *O Lugar certo é aqui: paisagem e território no Alto Sertão Baiano, Comunidade Cristina*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- FUNARI, Pedro P. A.; PELEGRINI, Sandra. *Patrimônio Histórico e Cultural*. São Paulo: Zahar, 2009.
- GARCIA-PAPET, Marie-France. A sociologia da economia de Pierre Bourdieu. *Sociologia & Antropologia*, v.3, n. 5, p. 91-117, 2013.
- GIDDENS, Antony. *Sociologia*. Rio de Janeiro: Calouste Gulbenkian, 2001.
- GODÓI, Emília P. *O Trabalho da Memória*. Campinas: Unicamp, 1999.
- GODÓI, Emília P. Reciprocidade e circulação de crianças entre camponeses do Sertão. In: GODÓI, Emília P.; MENEZES, Marilda A.; MARIN, Rosa A. (org.). *Diversidade do Campesinato: Expressões e Categoriais*, v. 2. São Paulo: Unesp, 2009, p. 289-302.
- GOMES, Adriana S. Havaianas: com o mundo a seus pés. *HSM Management*, n. 48, 2005.
- GONZALEZ-RUIBAL, Alfredo. Supermodernity and archaeology. In: SMITH, Claire. (ed.). *Encyclopedia of Global Archaeology*. Nova York: Springer, 2014, p. 7125-7134.
- GONZALEZ-RUIBAL, Alfredo; HERNANDO, Almudena. Genealogies of destruction: An archaeology of the contemporary past in the Amazon forest. *Archaeologies*, v. 6, n. 1, p. 5-28, 2010.
- HECKENBERGER, Michael. Forma do espaço, língua do corpo e história xinguana. In: FRANCHETTO, Bruna. (org.). *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*. Rio de Janeiro, Museu do Índio, 2011, p. 235-278.
- JOHNSON, Michael H. Historical, Archaeology, Capitalism. In: LEONE, Mark; POTTER JR., Parker B. (org.). *Historical Archaeologies of Capitalism*. Nova York, Plenum, 1999, p. 219-232.
- KAMP, Kathryn A. Where have all children gone? The Archaeology of Childhood. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 8, n. 1, p. 1-34, 2001.
- KOPYTOFF, Igor. A biografia cultura das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (org.). *A Vida Material das Coisas*. Niterói: EDUFF, 2008, p. 89-123
- LILLEHAMMER, Grete. Archaeology of children. *Complutum*, v. 2, n. 2, p. 15-45, 2010.
- LIMA, Tânia A. The dark side of toys in nineteenth-century Rio de Janeiro, Brazil. *Historical Archaeology*, v. 46, n. 3, p. 63-78, 2012.
- LUIK, Heidi. Could broken bones combs have had new lives? *Estonian Journal of Archaeology*, n. 12, v. 2, p. 152-162, 2008.

- MAGER, Gabriela B. *Havaianas, por que todo mundo usa? O espaço social da marca e o design na contemporaneidade*. Tese (Doutorado em Design) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2013.
- MEDEIROS, Gisele A. *Sandálias de borracha: uma proposta de trabalho temática para o conteúdo de polímeros*. TCC (Graduação em Química) – Instituto de Química, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- MILLER, Daniel. Coca-Cola: a black sweet drink from Trinidad. In: BUCHLI, Victor (ed.). *The material culture reader*. Berg: Oxford, 2002, p. 245-263.
- MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. *Horizontes Antropológicos*, v. 13, n. 28, p. 33-63, 2007.
- MOL, Arthur P. J. Globalization and environment: between apocalypse-blindness and ecological modernization. In: SPAARGAREN, Gert; MOL, Arthur P. J.; BUTTEL, Frederick H. (ed.) *Environment and global modernity*. Londres: Sage, 2000, p. 121-149.
- MOURA, Herbert. *As panelas de barro de Pernambuco: do século XIX ao XXI*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- NOGUEIRA, Verena S. Trabalho assalariado e campesinato: uma etnografia com famílias camponesas”. *Horizontes antropológicos*, v. 19, n. 39, p. 241-268, 2013.
- OLSEN, Bjørnar. Material culture after-text: re-membering things. *Norwegian Archaeological Review*, v. 36, n. 2, p. 87-104, 2003.
- ORSER JR., Charles E. *A Historical Archaeology of the Modern World*. Nova York: Plenum Press, 1996.
- PEREIRA, Rodrigo. Materiais Plásticos e Arqueologia: um novo campo de estudos para o conhecimento do passado. *Revista Arqueologia Pública*, v. 12, n. 21, p. 3-30, 2018.
- PINENT, Livia S. *O chinelo que mudou de classe: a trajetória da Havaianas em perspectiva antropológica*. TCC (Graduação em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- PIRES, Flávia. Crescendo em catingueira: criança, família e organização social no semiárido nordestino. *Mana*, v. 18, n. 3, p. 539-561, 2012.
- PIRES, Flávia. O que as crianças podem fazer pela Antropologia? *Horizontes Antropológicos*, v. 16, n. 34, p. 137-157, 2010.
- POLITIS, Gustavo. Arqueología de la infancia: una perspectiva etnoarqueológica. *Trabajos de Prehistoria*, v. 55, n. 2, p. 5-19, 1998.
- QUEIROZ, Luiz A. P. *Água fria é no pote do Cariri Cearense*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

- REDCLIFT, Michael. Reavaliando o consumo: uma crítica a premissas da gestão ambiental. In: HERCULANO, Selene; PORTO, Marcelo F. S.; FREITAS, Carlos M. (org.). *Qualidade de Vida e Riscos Ambientais*. Niterói: Eduff, 2000, p. 111-124.
- REDFIELD, Robert. Peasantry: part-societies. In: REDFIELD, R. *The Little Community, Peasant Society and Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1960, p. 23-39.
- SAHLINS, Marshall. *Sociedades Tribais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- SAHLINS, Marshall. O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um 'objeto' em via de extinção (parte I). *Mana*, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1997.
- SCHIFFER, Michael B. Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, v. 37, n. 2, p. 156-165, 1972.
- SCOTT, James. Formas cotidianas da resistência camponesa. *Raízes*, v. 21, n. 1, p. 10-31, 2002.
- SCOTT, James. *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance*. New Haven: Yale University Press, 1985.
- SHANIN, Theodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista”. *Nera*, v. 8, n. 7, p. 1-21, 2005.
- SIGAUD, Ligia. Armadilhas da honra e do perdão: usos sociais do direito na mata pernambucana. *Mana*, v. 10, n. 1, p. 131-163, 2004.
- SILVA, Roberto M. A. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semiárido. *Sociedade e Estado*, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, 2003.
- SKIBO, James. *Pottery function. A Use-Alteration Perspective*. Nova York: Plenum Press, 1992.
- SMITH, Michael; VETH, Peter; HISCOCK, Peter; WALLIS, Lynley A. Global Deserts in Perspective. In: VETH, Peter; SMITH, Michael; HISCOCK, Peter. (ed.). *Desert Peoples: Archaeological Perspectives*. Wiley-Blackwell, 2005: p. 1-14.
- SNEDDON, Andrew. Rose-colored glasses: The Mountain Street Site, Sydney and its limitations in the search for vanished slum communities. *Australian Archaeology*, n. 63, p. 1-8, 2006.
- SOUZA, Marcos A. T. Por uma arqueologia da criatividade: estratégias e significações da cultura material utilizada pelos escravos no Brasil. In: AGOSTINI, Camilla. (org.). *Objetos da escravidão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 11-36.
- SPINACÉ, Márcia A. S.; DE PAOLI, Marco A. A tecnologia da reciclagem de polímeros. *Química Nova*, v. 28, n. 1, p. 65-72, 2005.
- SYMANSKI, Luís C. Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX: um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos. *Revista de Arqueologia*, v. 21, n. 2, p. 73-96, 2008.

- TASSINARI, Andréia. Múltiplas infâncias: o que as crianças indígenas podem ensinar para quem já foi à escola ou A Sociedade contra a Escola. In: *Anais do 33º Encontro Anual da ANPOCS*, 2009.
- TAUSSIG, Michel. *O Diabo e o Fetichismo da Mercadoria na América do Sul*. São Paulo: Unesp, 2010.
- TERNUS, Carline; PETERMANN, Juliana. A história das Havaianas e a construção de um mito: o jeitinho brasileiro que todo mundo usa”. *Cadernos de Comunicação*, v. 15, n. 2, p. 1-14, 2011.
- VELHO, Osvaldo. Mistura ou diferença: qual esperança na globalização e na crise? *Ciência Hoje*, n. 166, p. 1-11, 2000.
- VINCENT, Joan. A sociedade agrária como fluxo organizado: processos de desenvolvimento passados e presentes”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (org.). *A Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987, p. 375-402.
- WANDERLEY, Maria N. B. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 52, p. 25-44, 2014.
- WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, Parentes e Compadres*. São Paulo-Brasília: Hucitec-UnB, 1995.
- WOORTMANN, Ellen F. O Sítio Camponês. *Anuário Antropológico*, v. 81, p. 164-203, 1983.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia Transnordestina Programa de Resgate Arqueológico. Trechos: Eliseu Martins/PI – Trindade/PE, Porto Suape/ PE – Salgueiro/PE e Missão Velha/CE – Porto Pecém/CE. Relatório Final de Resgate, Trecho Eliseu Martins Trindade/PI – Trindade/PE*. São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2014.
- ZANETTINI, Paulo E. Por uma arqueologia de Canudos e dos brasileiros iletrados. *Revista Canudos*, p. 167-171, 1996.
- ZARANKIN, Andrés; SALERNO, Melissa. Sobre bonecas e carrinhos”; desconstruindo as categoriais "feminino" e "masculino" no passado. *Especiaria*, v. 11-12, n. 20-21, p. 219-240, 2010.
- ZARANKIN, Andrés; SENATORE, Maria X. Archaeology in Antarctica: nineteenth-century capitalism expansion strategies. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 9, p. 43-56, 2005.